

Fernando Molica

Olha o Neguinho aí, gente!

A série de quatro episódios sobre Neguinho da Beija-Flor (Globoplay) é uma das melhores abordagens recentes do universo do samba, em particular do das escolas de samba, mundo tão venerado quanto desconhecido, alvo de generalizações e de preconceito.

Dirigida por Jorge Espírito Santo e roteirizada pelo jornalista e escritor Aydano André Motta, “Neguinho da Beija-Flor: Soberano da Avenida” usa no título uma referência ao samba-exaltação composto pelo biografado para homenagear “o” Beija-Flor.

Não faz tanto tempo, o patrono da escola, o bicheiro Aniz Abrão David, o Anísio, só usava o artigo masculino, referência ao bloco que deu origem à agremiação. Foi o carnavalesco Joãozinho Trinta que insistiu para Neguinho trocar o “o” pelo “a”, o masculino pelo feminino. Outro acerto desse gênio da cultura e das artes brasileiras.

O intérprete que este ano se aposentou da Avenida passou por muitas dificuldades — era conhecido como Neguinho da Vala, de tanto que ia numa delas, em Nova Iguaçu (RJ), para tentar pescar/caçar o que comer.

Quando brigaram com o pai, ele e o irmão Nego — outro que viraria figura carimbada nos carros de som das escolas — foram morar num lugar que, até a véspera, servia de chiqueiro numa casa. Ao ser passado na faca, o porco abriu vaga no terreno.

Seu início de carreira foi cheio de dificuldades, sabe aquela história de trocar um show por um prato de comida? Pois é. O intérprete do Leão de Nova Iguaçu, bloco que virou escola, foi caçado por Anísio e foi cantar outros bichos em Nilópolis: os 25 que integravam o enredo campeão de 1976 em homenagem ao jogo criado pelo Barão de Drummond.

Neguinho ainda compôs, sozinho, o samba que embalou o primeiro título da Beija-Flor — em todo esse tempo, acredite, ele foi o único intérprete da escola.

Como frisa sua filha Ângela Caroline, Neguinho não guarda mágoas nem amarguras do passado, dos tempos de miséria. Seu sorriso claro e aberto, que tão bem dialoga o tempo todo com a pele escura, daria a ele o direito de usar o mesmo sobrenome artístico da porta-bandeira Selminha, outra gigante. Mas, num determinado momento, ele desaba ao lembrar que morou num chiqueiro.

A série acerta ao deixar que os sambistas contem suas histórias, usem seus pontos de vista para avaliar as delicadas relações de um meio que abrigou perseguidos de várias origens e propósitos. Neste ponto, não deixa de ressaltar o tema do racismo. E é divertidíssima ao narrar a história da gota d’água para o fim do primeiro casamento

do cantor e compositor.

Enciumada, irritada com a movimentada vida pregressa do marido, sua então mulher fez pressão para ele não gravar “Mulheres”, que lhe fora oferecida em casa pelo compositor Toninho Geraes.

Ela não gostou nada daquela parada de “Já tive mulheres de todas as cores/ De várias idades, de muitos amores”. Martinho da Vila se deu bem, e pegou mais uma — no caso, uma canção de sucesso. Neguinho fez as trouxas, e partiu.

O documentário ressalta o lado compositor de Neguinho, a faceta artística que ele prefere exercer (o cara, acredite, não gosta muito da própria voz).

E, mais do que tudo, mostra os desafios, os sonhos, as alegrias, os tropeços e os golaços do autor do samba que até hoje embala torcidas no Maracanã e em outros estádios — e o nome dele são vozes que vão dizer.

Tales Faria

A Faria Lima não desistiu de Tarcísio

A avenida Brigadeiro Faria Lima apresenta o dinamismo econômico de São Paulo. Aquele corredor com torres de lojas e escritórios luxuosos se tornou sinônimo de capital financeira e empresarial do país.

Hoje, na política e na economia, fala-se que “a Faria Lima” pensa, gosta ou quer alguma coisa. Como e fosse um ser vivo com pensamento único. Mas não é bem assim. A Faria Lima, como qualquer outro agrupamento, tem diversas correntes com propostas diversas e até conflitantes. O tom é dado pelo subgrupo hegemônico.

Em 2018, tornou-se hegemônico o subgrupo que acreditava possível tutelar um bronco capitão reformado e mal formado do Exército, enterrando de vez o sindicalista que levara o país para uma gestão esquerdista por quase 14 anos a partir de 2003.

Mas não foi possível tutelar o capitão mal formado e nem mesmo implantar o liberalismo radical desenhado por Paulo Guedes, o representante da Faria Lima na gestão de Jair Bolsonaro (PL). Por conta disso, a Faria Lima rachou sem que nenhum grupo assumisse papel hegemônico.

Nas eleições de 2022, o sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva (PT) reassumiu a Presidência da República para desgosto dos “faria limers”. Mas para 2026, novamente com um grupo hegemônico, voltaram a sonhar com o poder.

Este grupo ainda tem como candidato, segundo a coluna apurou, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Progressistas). Mas está preparado para encampar outro candidato, desde que não seja nem o presidente Lula, nem Bolsonaro, o que inclui os filhos do ex-

-presidente e sua mulher.

As alternativas a Tarcísio na conta da Faria Lima são, nesta ordem, os governadores do Paraná, Ratinho Junior (PSD); de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil); e de Minas Gerais, Romeu Zema.

Para a Faria Lima, assim como Lula assumirá o governo se outro petista for eleito, também Bolsonaro assumirá o Palácio do Planalto se conseguir eleger um integrante de sua família.

Tarcísio não é visto mais como um bolsonarista. A Faria Lima considera tê-lo abduzido. Tem um pensamento econômico liberal e defensor do conservadorismo de Bolsonaro. Mas não é um bolsonarista, embora seja aceito pelo grupo. E, principalmente, é o que está em melhores condições, na direita, de concorrer contra Lula, segundo as pesquisas eleitorais.

Isso ainda o torna o candidato ideal a presidente da República, já que acabará não emplacando a candidatura do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), ou qualquer outro integrante do clã.

Na visão dos “faria limers” que hoje são hegemônicos naquele grupo do mercado financeiro e do empresariado paulista representado pelas altas torres, escritórios e lojas luxuosas quase às margens do rio Pinheiros, o ideal é convencer Tarcísio de Freitas a não desistir da candidatura presidencial.

A avaliação do grupo é que, apesar de Bolsonaro ter anunciado o filho como seu candidato predileto, na hora em que Flávio empacar — ou não for ao 2º Turno — Bolsonaro e os bolsonaristas votarão em peso no governador de São Paulo.

O único problema é convencer o governador a aceitar correr o risco.

Sérgio Cabral*

Venezuela e o Petróleo

A Venezuela vive sob o comando de Hugo Chaves e Maduro há mais de duas décadas. Essas pessoas dizimaram o país. Milhões de venezuelanos fugiram do país para a Colômbia, Brasil, Equador e outros países vizinhos. O maior êxodo dessa década.

Entretanto, a ditadura de Maduro não permite ao presidente Donald Trump aniquilar barcos que o governo norte-americano afirma ser de narcotraficantes. Sem abordar os barcos e prender as pessoas ditas traficantes, a ordem é matar. Será que o desejo real seja investigar a dita rota das drogas da Venezuela para os Estados Unidos? Para se investigar, de fato, teria que prender essas pessoas, ter depoimentos e

informações que possam ser valiosas para o objetivo de impedir o tráfico da Venezuela para os Estados Unidos.

O que me parece é que Trump e seu governo desejam depor Maduro e passar a controlar o país que detém a maior reserva de petróleo do planeta. Maior que a da Arábia Saudita. Se fosse para destituir ditaduras, Trump tem um fardo cardápio de países que, infelizmente, impõem regimes autoritários como o de Maduro, que sufocam suas sociedades e onde não há democracia.

A presença do maior porta-aviões do mundo, o Gerald Ford, na porta da Venezuela, junto com uma enorme estrutura militar na região, é ameaça em perspectiva

de se tornar uma invasão ao país pelas forças armadas dos Estados Unidos.

Interessante que a guerra sanguinária de Vladimir Putin contra a Ucrânia não merece a mesma valentia do “John Wayne” republicano. E olha que a Rússia é o maior produtor de petróleo do mundo. E a expansão imperialista de Putin tem encontrado um Trump frouxo. Que boicota a União Europeia, que reduz o apoio à OTAN, a Organização do Tratado do Atlântico Norte. Trump e Putin provavelmente fizeram um pacto: Putin não socorre a Venezuela e Trump faz corpo mole na guerra da Ucrânia.

Trump quer o óleo venezuelano e distribuí-lo às empresas de petróleo dos Esta-

dos Unidos. Ele não está preocupado com o povo venezuelano há anos massacrado pela ditadura bolivariana.

Isso é muito grave. Se houver uma invasão por parte das forças armadas norte-americanas, será algo muito grave. Um precedente incompatível com a autodeterminação das nações.

Rezo para que o povo venezuelano se livre de Maduro e o seu regime decadente. Mas não rezo para que caia nas mãos de um político perigoso e reacionário, que faz uso da potência militar de seu país, para cometer atrocidades.

***Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho**